

REDE SOCIOTÉCNICA DA OPALA: ETNOGRAFIA DA FABRICAÇÃO DE JOIAS NO FESTIVAL DE INVERNO DE PEDRO II¹

Daniela Pereira Damasceno Santos
Mestranda pelo PPG em Antropologia (UFPI/Piauí)

RESUMO

A partir do contexto etnográfico do Festival de Inverno de Pedro II – Piauí, em 2015, este artigo pretende argumentar sobre os processos técnicos utilizados na produção artesanal e comercialização de joias em opala do município. Refletimos sobre os fazeres da joia, o artesão não existe como uma categoria fechada, mas divide-se em diversas atribuições que estão dispostas em equilíbrio, com diversas atribuições técnicas e suas relações ao longo do processo produtivo da joalheria, tendo por fim o entendimento do sistema sociotécnico da opala. O fazer da joalheria envolve diversos atores, Humanos e não-Humanos. Então, tomando a opala como figura central do sistema no relato etnográfico, observamos o seu caminho pelas mãos dos diversos tipos de artesãos, após sair das mãos dos garimpeiros. Inicialmente vemos as identificações dos atores Humanos por nomenclaturas como: “artesão joalheiro” ou “ouvires” para os que desempenham a função de modelar o metal e criar a joia ao redor da gema; o “lapidário” que executa a função de modelar do corte da gema e de como será a disposição dela na joia pronta; e o trabalho do “joalheiro” (diferente de artesão joalheiro) que encarrega-se de conhecer todos os processos, materiais, formas e histórias, apesar de não chegar a executá-los, apenas para vender a joia com agregação de valor. Em cada escala de identificação, os artesãos exercem domínios diferentes de habilidades e conhecimentos, mostrados em momentos diferentes do processo produtivo. Também é observado a significância da gema, em suas mais diversas formas, cores, texturas e valores no tratar da joia pronta, e a modificação de sua aceitação e das técnicas de interferência sobre ela após as políticas públicas de fomento de identificação de Pedro II como a “terra da opala”. Ao longo de todo esse processo, a Opala torna-se então uma atriz que interfere diretamente nas relações Humanas, não apenas no setor joalheiro, mas nos diversos contextos da cidade, criando uma grande rede de identificação ao redor de si mesma.

Opala; Identificação; Rede sociotécnica.

O Festival de Inverno e Pedro II

O Festival de Inverno de Pedro II, criado em 2004 a partir do cenário cultural jovem local, teve sua 12ª edição em 2015, tendo sido a mais recente, a de maio do corrente ano de 2016. É organizado em ocasião do feriado de Corpus Christi, e reúne anualmente milhares de pessoas atraídas pela boa música regional e nacional.

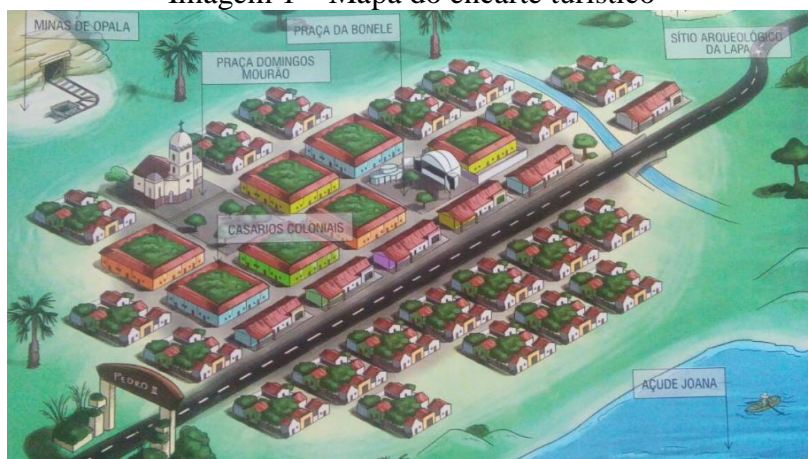
Pedro II em si, é uma pequena cidade no norte do Piauí, privilegiada pelo clima ameno, em relação ao restante do estado. Cidade relativamente jovem, completando 162

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

anos em agosto, sua altitude elevada, no meio da Serra dos Matões com paisagens naturais exuberantes e seus casarios coloniais ainda preservados com orgulho hoje fazem parte do circuito turístico da região.

Mesmo os pequenos mapas ilustrados da cidade (Imagem 1) distribuídos em panfletos nos estandes de vendas de artesanato e produtos regionais Praça Domingos Mourão, ressaltam os destinos mais procurados para aqueles que curtem a estadia antes dos shows, recorrentes na praça da Bonele. Além dos casarios coloniais, e demais atrações centrais, o Sítio arqueológico da Lapa, o Sítio do Buritizinho, o Museu da Roça, o Mirante do Gritador e as cachoeiras do Salto Liso e do Urubu-rei destacam-se no turismo em contato com a natureza.

Imagem 1 – Mapa do encarte turístico



Fonte: Panfleto turístico da Secretaria Municipal de Turismo

Mas um atrativo a mais é vendido para quem deseja encarar a aventura do dia, e o brilho da noite. No mesmo mapa mostram-se as minas de opala. Antes mesmo de também se conhecida como a “Suíça Piauiense”, a cidade já tinha o rótulo prestigioso de “Terra da Opala”, única localidade brasileira onde é possível encontrar-se minas de opala extra².

A exclusividade da opala é tamanha, que é de conhecimento geral no município que mesmo levando-se em consideração que é produzida em outros estados brasileiros e diversos outros países, ela só é encontrada na sua versão de melhor qualidade, beleza e preço nos garimpos de Pedro II e nas minas da Austrália.

² O Manual Técnico de Gemas diz que pode ser encontrada em versões Incolor, branca, amarela, vermelha, laranja, verde, marrom, preto e azul leitosa. Pode ser transparente ou opaca. É considerada quebradiça e de baixa dureza. Apresenta os tipos de: opala-nobre, opala-comum, hialita, opala-de-fogo e opala-negra; e os seguintes nomes de mercado: opala branca, opala negra, opala de fogo, opala d’água, opala musgo, xilopala. A opala extra e opala super-extra são nomes de mercado local para as gemas de maior valor encontradas em Pedro II, que possuem a maior qualidade, dureza, beleza, opalescência e valor comercial entre todas as variedades com a aparência do branco ao dourado e uma forte opalescência.

Me atarei a discutir a veracidade do fato, que muito me castigou no início das incursões teóricas, para dizer já seguindo as reflexões de Bourdieu, que o que importa é a crença na legitimidade dessas palavras pelo povo, pelos moradores, pelos turistas, e principalmente pelos artesãos que afirmam e sentem-se os únicos a comporem uma complexa rede de produção à qual a opala é personagem importante, central e fator de distinção, e mesmo que recentemente a Etiópia tenha entrado na corrida da opala preciosa, isso não vem ao caso. A cidade de Pedro II é a terra da opala, e a opala de Pedro II é exclusiva de lá³.

Utilizando da etnografia como método, minha incursão pela cidade deu-se pela primeira vez justamente em ocasião do Festival de Inverno de 2015. E logo que fiz minha entrada ao campo, pude ver como uma rede de interações ia sendo tecida já pelas primeiras indicações.

Meu conhecimento inicial sobre o tema dava-se de uma pesquisa realizada durante a graduação em Design de Moda em que entrevistei um artesão Pedro-segundense residente em Teresina, capital do estado, além de um grande interesse pelo mundo das gemas e pedras preciosas desde minha primeira visita, ainda criança, a uma joalheria artesanal no Centro de Artesanato da capital.

Seu Arlindo que conheci no Centro de Artesanato onde expunha suas produções, muito gentil, me recebeu em própria casa e mostrou-me o ateliê montado a um canto da sala, onde produzia, sem soberba, diversas joias que vendia principalmente em feiras, ou preparava por encomenda. De seu Arlindo veio meu ponto de partida.

Teoria Ator-Rede e a formação da Rede sociotécnica da opala.

Há na física quântica, a teoria de que o universo não existe se não olharmos para ele. O universo então seria a união de todos os pensamentos conscientes que sabem de sua existência. No momento em que o último ser senciente dessa realidade deixar de existir, o universo também deixará. Realocando esse sentido para a antropologia, não seria a função do etnógrafo buscar conhecer os múltiplos universos e suas composições mais peculiares?

³ Considerando todos os fatores de legitimação da opala Pedro-segundense, e do trabalho joalheiro realizado pelos artesãos locais, em 2012 o município recebeu o reconhecimento através do selo de Indicação Geográfica (IG) conferido pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial (IMPI) tornando-se o primeiro produto piauiense a receber essa certificação.

Geertz (2014) formula a distinção entre as formas de conhecimento baseadas nas classificações do psicanalista Heinz Kohut como “experiências-próximas” e “experiências-distantes”. Ao tentar aproximar os conceitos, podemos substituir o termo universo, por cultura, ou “saber local”. A experiência-próxima seria a senciência dos integrantes desse universo específico, no caso a cultura. A experiência-distante, seria a sapiência, o conhecimento “produzido” para explicar cientificamente os fatos observados.

Mas nem o universo, nem as culturas são compostas de apenas um vetor, apenas uma grandeza, ou apenas uma dimensão. Geertz firma que o homem é um animal preso em uma teia de significações criadas por ele mesmo. Latour (2012) critica que tentar observar as culturas por apenas uma dessas significações é limitar-se do entendimento do que ela realmente expressa. A sociedade não é apenas uma relação entre pessoas, entre humanos. Por esse motivo, o autor reescreve o significado do social de volta para sua etimologia, ao explicar que social não é um substantivo, mas um verbo – associar. O conhecimento então não é produzido através de operações e métodos científicos isolados e absolutos, mas sim através das associações que ocorrem dentro da realidade em que foram construídos.

A cultura então é essa teia, composta por uma infindável rede de mediações, associações, transformações e ressignificações. As relações entre os humanos acontecem irrevogavelmente na presença dos materiais. Esferas tidas como completamente opostas, devem ser observadas em simetria e como seus sistemas e suas significações interagem entre si. Não deveria haver hierarquia ao se analisar cada um desses sistemas, pois a relação dialética entre o mundo material (não-humano) e o mundo social (humano) existe de forma simétrica, de interferência mútua, onde um não pode ser observado sem as mediações do outro. Assim, Latour (2013) defende o princípio da simetria de que demos nos livrar dos cortes epistemológicos que segregam os saberes e promovem separações artificiais entre as sociologias do conhecimento, as crenças e as ciências. A etnografia deve interpretar essas associações e buscar os seus significados.

Entende-se então que as associações desses “mundos diferentes” relacionam-se de formas sistêmicas. Se o “mundo social” transforma os outros mundos através das mediações entre as culturas, o “mundo técnico” também transforma, e assim entende-se a cultura material. Os vários vínculos formados entre a cultura social e material formam uma intrincada rede de associações heterogêneas, que devem ser estudadas em colaboração uma com a outra de forma simétrica. Humanos e Não-Humanos tornam-se agentes de mediação e transformação. Tornam-se atores e representantes de seus mundos.

Observando o percurso da opala dentro do APL⁴ de Pedro II, no contexto etnográfico especificado, conseguimos delimitar as relações homogêneas e heterogêneas. O fazer da joalheria envolve diversos atores, Humanos e não-Humanos. Então, tomando a opala como figura central do sistema no relato etnográfico, observamos o seu caminho pelas mãos dos diversos tipos de artesãos, após sair das mãos dos garimpeiros.

Inicialmente vemos as identificações dos atores Humanos por nomenclaturas como: “artesão joalheiro” ou “ouvires” para os que desempenham a função de modelar o metal e criar a joia ao redor da gema; o “lapidário” que executa a função de modelar do corte da gema e de como será a disposição dela na joia pronta; e o trabalho do “joalheiro” (diferente de artesão joalheiro) que encarrega-se de conhecer todos os processos, materiais, formas e histórias, apesar de não chegar a executá-los, apenas para vender a joia com agregação de valor. Em cada escala de identificação, os artesãos exercem domínios diferentes de habilidades e conhecimentos, mostrados em momentos diferentes do processo produtivo.

É interessante ressaltar que apesar de perceber que o percurso da opala “começa” pelas mãos do garimpeiro, a rede formada pelas relações entre os agentes humanos não é linear – com um começo e um fim – mas sim cíclica. Um garimpeiro as vezes também é lapidário ou o passa a ser. Da mesma forma, o lapidário pode tornar-se artesão joalheiro, ou o joalheiro torna-se lapidário. E todos eles podem tornar-se compradores e vendedores joalheiros.

O garimpeiro exerce sua prática no garimpo de forma autônoma, desde que ele repasse a porcentagem das vendas das gemas extraídas ao administrador do território. Assim como ele vende a opala em gramas ao lapidário, ele pode exercer a função de lapidário, e vender a pedra adiante não em gramas, mas em quilates, o que já dobra o valor comercial do produto. Mas o garimpeiro só pode exercer a função de lapidário ou ourives, caso tenha o domínio da técnica necessária para fazê-lo. Igualmente ocorre com os outros integrantes humanos desse sistema.

Então o artesão – entendido aqui como todo aquele que interfere sobre a gema - não existe como uma categoria fechada, mas divide-se em diversas atribuições que estão dispostas em equilíbrio, com diversas atribuições técnicas e suas relações ao longo do processo produtivo da joalheria são mediadas de forma cíclica, sistêmica e sem

⁴ Arranjo Produtivo Local: conjunto de fatores sócio econômicos e políticos que reúnem vínculos de produção, cooperação, aprendizagem, comercialização e circulação de materiais, criado em 2005, projeto este que ajudou a estruturar o mercado das gemas de Pedro II.

hierarquias. Ser um artesão da opala – garimpeiro, lapidário, ourives e joalheiro – depende de que identidade o sujeito apresenta naquele momento. “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não estão unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2005, p. 13). Dessa forma, o exercício da técnica confere ao garimpeiro a identificação de lapidário e/ou ourives, assim como para os demais.

Os atores não-humanos também são mediados de forma sistêmica, mas a forma de suas relações é linear⁵. A ausência de um dos equipamentos de lapidação, por exemplo, pode não impedir, mas altera completamente a fabricação das gemas prontas para o preparo das joias.

Toda técnica de lapidação necessita principalmente de três tipos de maquinário para que possa ser exercida: o Esmeril, a Cabocheira e o Feltro. O processo inicia-se impreterivelmente pelo esmeril, e é finalizado com o feltro. Dependendo da forma e do tipo de lapidação que for aplicada sobre a pedra bruta, a cabocheira pode ou não ser usada.

A técnica de ourivesaria por exemplo, necessita de equipamentos que deem conta da modelagem do metal – ouro ou prata. Iniciando com banca, a fornalha de mão, o forno, rilheira e o maçarico, motor de chicote, e politriz como mais básico, a quantidade de material além possuído, determina o nível técnico aplicado sobre o metal e influencia diretamente no tipo e na qualidade de produto conseguido pelo ourives. Laminadores, balanças de precisão, alicates, serras, lixas, pinças, martelos, brocas, cravadores, fieiras, etc. Mas é importante ressaltar que não é o ato de possuir o equipamento, que faz com que o ourives domine a técnica, mas o domínio da técnica que influencia o ourives a adquirir mais equipamentos.

Da mesma forma, ocorre com a garimpagem. O domínio dessa técnica não é determinado pela quantidade de equipamento ao qual o garimpeiro tem acesso, mas sim o contrário. Aos melhores garimpeiros, é garantido o acesso aos melhores equipamentos, pois no geral, apensar da chegada dos tratores e máquinas pesadas de escavação na última década, o trabalho ainda é regido pela experiência pessoal e pela sorte.

No palco principal: Relato etnográfico dos atores e as redes

Faço então uso da metodologia detalhada por Geertz de uma etnografia no âmago de minha busca: como se traduz a rede sociotécnica da opala e quem está inserido nos seus processos?

⁵ Os atores não humanos serão listados mas não serão definidos nessa sessão do texto.

Todas as minhas impressões iniciais tratavam-se de relatos de experiências próximas vindas de um único informante. Mas esse informante foi um ponto de partida importante para minha inserção no campo. Percorrendo a Praça Domingos Mourão e arredores, onde se concentram a maior parte das joalherias de Pedro II, percebi o primeiro dado importante das relações construídas entre os artesãos:

- Olá, sou pesquisadora [...] conheci o Senhor Arlindo em Teresina [...]

- Onde conheceu o Arlindo? Ele trabalhou aqui muitos anos. Como ele estava?

Não quer entrar, pode olhar o que quiser!

O primeiro artesão com quem conversei, era antigo empregador do meu informante inicial. Ele me indicou para uma segunda joalheria, que pertencia ao irmão. Quem me recebeu foi a cunhada. Que me recomendou a loja de um ex-funcionário deles, que trabalhava junto com o irmão em uma pequena oficina de lapidação, e vendiam gemas preparadas para a loja ao lado, que era administrada por um casal, que me indicou a próxima loja ao lado, pertencente a um colega que havia participado do mesmo processo de profissionalização.

Posso continuar narrando as relações existentes entre todos os proprietários e funcionários das oficinas, joalherias e ateliês, mas isso apenas irá confirmar uma pergunta que eu fiz para cada um deles, surpresa pelas indicações que iam me passando adiante:

- Vocês conhecem todo mundo que trabalha com isso?

E a resposta unânime: sim. As relações se davam de forma muito clara. Todos tinham aprendido o ofício juntos, ou tinham laços de parentesco, ou se conheciam dos cursos de capacitação, ou foram levados pelos familiares para dentro do mundo das opalas. E todos eles negociavam uns com os outros.

Consegui então entender, dentro dos conceitos de antropologia da técnica, que Pedro II estava inserido dentro de um contexto ambiente técnico de tendência-e-fato⁶.

Mas a minha observação inicial me colocou em limitações metodológicas. Eu ainda não estava situada ao campo. Selecionei – ou fui selecionada – por duas oficinas de domínios técnicos completamente distintos onde passei vários dias observando a produção e a preparação dos artesãos para o festival de inverno.

A primeira, a joalheria Opalas Pedro II, de Juscelino, acostumada a receber pesquisadores e repórteres inclusive tinha um funcionário destacado em especial apenas para dar entrevistas. Lapidário com anos e anos de profissão, e atualmente exercendo a

⁶ Mura (2011) faz uma análise crítica sobre as abordagens da técnica e da tecnologia feitas pela antropologia, ao observar as noções de Leroi-Gourhan, Cresswell e Lemonnier.

prática de ourives, Jardel Medeiros aparece bem para a câmera e sabe explicar muito bem todos os passos necessários para lapidar as gemas e modelar o ouro e a prata.

O Senhor Juscelino, lapidário há quase trinta anos, foi o primeiro a profissionalizar e instituir um estabelecimento comercial no município para o beneficiamento das opalas que já eram garimpadas e não tinham destinação. A maior parte dos que hoje também tem oficinas físicas já foram funcionários de Juscelino. E lá mesmo, na prática, aprenderam o ofício, e passaram adiante pros próprios familiares, e atuais funcionários.

A opala é exaltada por todos na Opalas Pedro II. Ela é luxo, distinção e uma bandeira de identificação cultural. Seja no ouro ou na prata, ela possui um valor simbólico intrínseco que vai além do valor comercial. Seu Juscelino é reconhecido e legitimado como um grande lapidário e um empresário melhor ainda.

Foi conversando com um garimpeiro, que pude observar como o sistema simbólico estava configurado através dos atores dessa rede. A experiência, a história e as mediações realizadas por Juscelino durante todos os seus anos como empresário, lapidário e mestre para seus aprendizes acarretou na criação de sua reputação como alguém que sabe do que está falando⁷. A loja é requintada e frequentada pelos mais bem dispostos a desembolsar os altos valores que são pertinentes ao local, afinal por um preço justo⁸, pode-se levar uma joia que carrega não apenas o nome da opala, mas um nome de exclusividade, da loja e dos artesãos.

Em várias conversas com este garimpeiro, seu Benedito, um dos mais antigos e experientes do município, a quem também é conferida a reputação de alguém que sabe do que está falando, comentei que a única vez que havia tido a oportunidade de observar pessoalmente uma gema de opala extra, foi na oficina de Seu Juscelino.

- A foi! Pois você viu! *Cê* agora falou numa pessoa que tem mesmo!

Seu Benedito, a quem quer que eu pergunte, é alguém que tem domínio técnico e conhecimento para falar sobre os garimpos credenciados no município. Muito jeitoso com seus barreiros⁹ – que é reconhecido pela técnica com que é explorado por qualquer outro garimpeiro, ele se gaba de ainda estar com todas as unhas com que nasceu em seus

⁷ De acordo com Bourdieu (2007) o que faz o poder das palavras, é a crença na legitimidade das palavras e naquele que as pronuncia.

⁸ Discutir o que viria a se tornar justo no estabelecimento de um preço é um assunto que necessita de outra discussão teórica intensa, e que não é pertinente para esse trabalho atual.

⁹ Os barreiros são faixas de terra de 5x10m, arrendados para duplas de garimpeiros pelo proprietário ou administrados do território.

54 anos de trabalho, mesmo em um ofício perigoso, onde infelizmente já perdeu diversos colegas por causa de acidentes.

Com uma cosmologia completamente diferente dos demais atores da rede, seu Benedito tem uma grande adoração às pedras, e diz que nunca achou nada que se mostre mais bonito e divino – “coisa de deus” – do que as opalas extras. Mesmo residindo em uma casa humilde, diz que já teve tanto dinheiro que hoje nem saberia como gastar.

Seu Noca, ou Noquinha, também garimpeiro, mas agora aposentado do ofício, hoje compra e revende pedras garimpadas pelos colegas nas pequenas oficinas. Com um relato semelhante, ele enaltece a opala como algo sempre único, sempre inédito, e “cada uma mais bonita que a outra”. Apesar do domínio da técnica de garimpo ser essencial, não é garantia de enriquecimento.

- “*Cê óia e óia*, e vai escolher o barreiro, *cê* vai sabendo, mas sua mente *tá* com Jesus Cristo. Se o seu pensamento der que a mancha *tá* bem ali [...] mas aí por qualquer coisa, um vai tirando lá e tirando cá, ai você *num* tirou logo, e vai *praculá*. Ai o pessoal começa a trabalhar, e a mancha num *tá* lá onde *cê* pensou a primeira vez? A natureza é uma coisa muito misteriosa. O material que tem a terra aqui, é o mesmo material que tem a terra lá. Mas lá tem opala, e aqui não tem. Às vezes elas ficam no chão, parecem que foram enterradas lá por uma mão. Tem gente que já trabalhou muitos anos aqui e nunca tirou nada. E tem gente que hoje é dono de garimpo. Mas a maioria pegou o dinheiro e gastou tudo.

Seu Benedito se diverte contando sua história. Se diz muito experiente para conseguir garimpar pedras, mas credencia unicamente a sorte – “se deus te escolher pra achar, *cê* acha” – por conseguir alguma coisa.

Para ele, a natureza é algo imprevisível. Por mais conhecimento da geologia que se tenha, é até possível dominar a técnica do garimpo, mas nunca o garimpo em si. Seu entendimento da natureza, bate com a definição de Ingold (2009) de que a cosmologia é um modo de vida. Observar apenas a cultura (humana), não permitiria observar a construção de uma realidade independente. Tentar compreender essa realidade, independe de qualquer tipo de preconceito cultural forma a cosmologia. As duas dicotomias – homem e natureza – tem como produto uma razão abstrata, que depende do entendimento, da perspectiva que trata de uma específica construção da realidade.

Os garimpeiros de Pedro II então, possuem uma cosmologia cultural de relacionamento, mediação, entendimento e interação com a natureza. Dessa forma, o domínio da geologia e das técnicas de mineração e garimpagem nada determinam no

sucesso de um garimpeiro, já que, por mais que a natureza seja amarrada em leis e regras, ela ainda permanece indomada. O relato científico produzido pela experiência-distante torna-se uma observação desinteressada cheia de análises racionais, mas os relatos dos garimpeiros são cheios de uma experiência-próxima, subjetiva dentro das crenças que tem dentro destas “racionalidades questionáveis” (GEERTZ, 2014; INGOLD, 2009).

Retorno então o meu relato para o segundo ateliê ao qual tive a oportunidade de observar. Seu Evangelista, proprietário, pratica ourivesaria atrás das vitrines de sua pequena joalheria. Minhas conversas com eles me mostraram um dado que até então não o tinha percebido em evidência:

A forma de trabalhar os instrumentos de ourivesaria, diferentemente da forma de trabalhar de todos os outros ourives me mostrou que por mais que todos tivessem acesso aos mesmos equipamentos, ou tivessem aprendido os mesmos métodos, todos tinham uma forma única de trabalhar a prata.

Havia uma forma de experiência que, todos eles, conhecedores uns dos outros, possuíam e dominavam. Os ourives podiam reconhecer o trabalho dos outros colegas, e apontar quem fez ou onde um cliente teria comprado qualquer peça que pusesse os olhos, mesmo em comparação com modelos aparentemente idênticos. É claro que eu não poderia esperar dominar esse conhecimento, sem modelar com minhas próprias mãos, o ouro ou a prata. Mas com o tempo as diferenças entre a forma que as joias são modeladas tornam-se mais evidentes. O peso, polimento, acabamento, qualidade, etc. são fatores que permitem avaliar a procedência da peça. Mesmo a sensação do toque do metal sobre a pele varia do trabalho de um ourives para outro.

Aos melhores ourives, vão os melhores lapidários e aos melhores lapidários, os garimpeiros. A legitimação do domínio da técnica da ourivesaria pelos ourives e pelos lapidários também são alavancas de interações. Um lapidário experiente que produza gemas de qualidade, é mais procurado pelos garimpeiros para a venda das melhores pedras brutas. Da mesma forma, os melhores ourives são procurados pelos melhores lapidários para o comércio das gemas. Há uma relação de poder que regula as mediações entre as categorias técnicas, de acordo com o domínio exercido sobre essa categoria. Assim, as melhores gemas vão ser modeladas para as melhores joias, e as gemas mais baratas, são modeladas em joias mais baratas.

É impossível por exemplo, encontrar joias em ouro com opalas extra nas pequenas lojas e ateliês, a não ser que seja uma encomenda particular. Como também é muito difícil encontrar mosaicos¹⁰ fora da prata.

Outro dado interessante que me foi mostrado por seu Evangelista, foi a minha influência sobre o trabalho dele. Não era apenas eu que o ouvia. Mas ele também interpretava minhas palavras.

Enquanto comentava sobre o difícil trabalho de polir as joias prontas – pois esquentavam e feriam os seus dedos – eu cheguei a comentar sobre uma luva térmica, que cobria apenas três dedos de cada mão, de forma que permitia ao usuário segurar sem se queimar, que eu por acaso tinha visto sendo usada por cabeleireiros para alisar com pranchas quentes, de forma a manejar os cabelos superaquecidos sem se queimar. Assim o tato estaria preservado, mas o contato direto não ocorreria.

No dia seguinte, lá estava ele polindo suas peças com pequenas luvas de três dedos improvisadas que havia pedido para sua esposa costurar. Tao dado me apontou para o fato das transformações técnicas recorrentes pelo contato com outros intermediários. Hora mediadores, hora intermediários¹¹, os ourives estavam sempre em constante transformação e recepção das técnicas que usavam. Como por exemplo a “solução de bateria automotiva” que “alguém” um dia descobriu ser excelente para remover as impurezas que restavam na prata após a fundição. A informação foi sendo passada adiante de um ourives para outro, até ser completamente ressignificada como uma solução absolutamente necessária para dar conta de seus processos de fabricação.

Outra forma de associação entre os artesãos que me apontou a formação da rede de relações foi o “Rola-rola”. O rola-rola é um equipamento utilizado para a limpeza de joias que estão há muito tempo paradas e perderam o brilho do polimento. Em preparação para o festival é impreterível que o brilho esteja o melhor possível. Dessa forma, o rola-rola passa a ser indispensável para deixar as joias no melhor estado possível. Mas nem todos tem esse equipamento, pois ele de fato, só é necessário realmente durante o Festival.

O rola-rola então protagoniza um sistema de relações heterogêneas, onde proprietários são procurados por quem não o possui. Assim há uma troca de favores, onde

¹⁰ São montagens de cascalho de opala, que há vários anos eram descartados como rejeito jogado fora completamente. Hoje a fabricação permite um aproveitamento dos minúsculos fragmentos e por ser uma técnica mais barata e acessível, se tornando o principal produto dos pequenos fabricantes. Muitos turistas inclusive conhecem a opala apenas pela forma do mosaico.

¹¹ O conceito de mediadores e intermediários utilizados vai de acordo com o trabalhado por Latour (2012) sendo que os mediadores são responsáveis por ressignificar conceitos, técnicas e funções, e os intermediários transportam esses significados sem modifica-los.

o proprietário do ateliê oferece os serviços do rola-rola sem cobrar por isso, mantendo a rede de relacionamentos sempre ativa.

Mas os objetos não protagonizam apenas relações heterogêneas. O processo de fabricação joalheira é linear. Tem um início, um meio e um fim. Para fazer a joia precisa-se do metal - por exemplo a prata – para fundir a prata precisa-se do maçarico. Para usar o maçarico precisa-se do forno e da rilheira. Para modelar a prata, faz-se necessário o fiador e o laminador, que só podem ser utilizados com o manejo da prata com alicate ou pinça. O corte da prata fiada ou laminada só pode ser feito com alicate ou serra. As brocas e alguns tipos de lixas só podem ser utilizadas com um motor de chicote. O cálculo da liga de prata a ser formada é feito através do uso de balanças de precisão. Quem fecha o processo é a politriz que remove os últimos vestígios de impurezas deixadas sobre a joia pronta, e confere o acabamento brilhante pronto para ser exposto em vitrine.

Da mesma forma ocorre com os materiais de lapidação. O trabalho ocorre inicialmente com a separação da opala com a rocha matriz, feito pelo esmeril. Do esmeril, a gema é levada para a máquina cabocheira onde recebe facetas ou formato cabochão. E por fim ela é passada junto ao disco de feltro com argila para receber o polimento e tornar sua superfície brilhante, realçada e livre de imperfeições do corte.

Se um desses três equipamentos estiver ausente, o processo completo da lapidação não pode ocorrer, pois ele é baseado em técnicas que fazem necessariamente o uso delas – esmeril, cabocheira e feltro.

Presenciei porém, que o processo da ourivesaria, apesar de ser linear, não é determinado pela presença do equipamento. Iniciando pela fundição da prata, modelagem, corte, desenho da joia e acabamento, cada ourives pode utilizar das técnicas que bem entender e dominar para produzir suas mercadorias. O maçarico por exemplo, é um substituto moderno da lamparina. As brocas substituíram os martelos, e as lixas de mão foram substituídas pelas elétricas. E por último, a politriz substituiu os fios de lã.

O domínio da técnica exercida pelo ourives não é determinado pela presença de melhores equipamentos, mas sim pela ausência. Conseguir resultados de excelência em um ambiente técnico, onde a eficiência potencial é limitada, ressalta a eficiência real.

Um fator que ressalta a legitimação de um ourives pela sua eficiência real é justamente o trabalho de artesões domésticos, que não trabalham em um ambiente fabril, mas tem sua técnica reconhecida pelas lojas e são mão de obra extra que suprem a necessidade de produção para o festival de inverno.

Considerações finais

Entre as categorias de artesãos presentes em Pedro II, tomando a opala como figura central de um sistema sociotécnico de joalheria estão os garimpeiros, os lapidários, os artesãos e joalheiros ou ourives.

Ser um artesão de joalheria em Pedro II porém não é uma categoria fechada. Aquele que exerce a função técnica de ourives pode ser o mesmo que exerce a de lapidário. O que exerce a função de garimpeiro pode ser o mesmo que exerce a função de ourives. E assim por diante, todos eles podem também ser joalheiros – vendedores.

A identificação de um sujeito como ourives é conferida para aquele que domina a técnica da ourivesaria, assim como para aquele identificado como lapidário, por exercer a técnica da lapidação e de garimpeiro por exercer a garimpagem. Essa identificação é motivada não apenas pelo domínio técnico, mas pelo exercício da prática.

Dessa forma, apensar de se buscar um início para o sistema social da opala, é possível entendê-lo como cíclico: sem um começo ou um final, pois todos os agentes humanos de transformação desse sistema dependem da sua identificação no momento para serem alocados em uma ordem de relações homogêneas.

O sistema técnico, por outro lado, é entendido nessa pesquisa como linear, possuindo um início, um meio e um fim. As relações homogêneas são sequenciais, e necessitam de uma ordem precisa para funcionarem com eficiência.

A rede sociotécnica da opala então é um agregado simétrico de vínculos, mediações e relações entre os Humanos e Não-humanos, formando uma intrincada rede de relacionamentos homogêneos e principalmente, heterogêneos.

O domínio da técnica exercido pelos humanos é então transformado pela presença dos não-humanos. E a relevância dos não-humanos é assegurada pelo domínio da técnica. Assim sendo, os atores têm a mesma possibilidade de interferência e mediação.

E é justamente esse domínio da técnica que movimenta relações entre os artesãos. Seja relações heterogêneas, como no empréstimo dos serviços do rola-rola, seja com relações homogêneas, como na contração de mão de obra dos ourives domésticos durante o tempo do Festival.

A expressão dessa técnica, traduzida como experiência próxima, permite que cada artesão tenha suas singularidades reconhecidas pelos demais. Há um misto de conhecimento e cosmologia, sendo que o conhecimento é adquirido pela prática do ofício,

e construído dentro da realidade que ele está inserido. Assim, mesmo que todos pratiquem os mesmos processos, sempre haverá uma distinção. É a diferença da prática que os identifica, e não a igualdade.

Cabe a etnografia realizada durante o festival, interpretar e traduzir os dados coletados e entender a realidade construída para a formação da rede sociotécnica da opala, entendendo que a interação entre pesquisador e pesquisado, entre um artesão e outro, entre um equipamento novo e uma nova técnica e toda a comunidade exercem mediações, ressignificações entre seus intermediários.

A opala então torna-se a atriz central dessa rede, por possibilitar a reunião de todas as técnicas utilizadas para seu beneficiamento. Ela torna-se um fator identificação, legitimação e distinção para o município. Mas apesar disso, ela ainda não exerce uma função superior, pois como diz Bourdieu (2003), não é só a raridade da peça, mas sim do produtor que confere a ela um lugar de prestígio. Assim, não é só a raridade da opala, mas o domínio das técnicas de beneficiamento sobre ela, que conferem a Pedro II o direito de “Terra das Opalas”.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim do Século – Edições, Sociedade Unipessoal, LDA, 2003 [1984]. pp. 205-217

_____. **A distinção: Crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP. Porto Alegre, RS: Zouk. 2007 [1979]. pp. 241-297

BRITO, Thaís. **Bordados e bordadeiras**. Um estudo etnográfico sobre a produção artesanal de bordados em Caicó/RN

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

_____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Joscelyne. 14ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

IBGM. **Manual Técnico de Gemas**. Brasília: IBGM, DNPM, 2009.

INGOLD, Tim. **The perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling & Skill**. London: Routledge, 2000 [capítulo 1]

. LATOUR, B. **Jamais Fomos Modernos**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. **Reagregando o social: Uma introdução à teoria ator-rede**. Salvador: EdUFBA, 2012.

MILANEZ, Bruno; OLIVEIRA, José Antônio Puppim de. **Opalas de Pedro II: O APL como remediação da grande mina**. 2011?. Disponível em: http://www.cetem.gov.br/rio20/galerias/2005/04_Opalas.pdf Acessado em: 12 de maio de 2016

MURA, Fábio. **De sujeitos e objetos: um ensaio crítico de antropologia da técnica e da tecnologia**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 17, n. 36, p. 95-125, jul./dez. 2011.

SOUSA, Paula. **Uma experiência etnográfica: reflexões sobre as relações entre sujeitos em um trabalho de campo**. Natal/RN: 29ª RBA, 2014.